

EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA SURDOS: O USO DE FOTOGRAFIA E VÍDEO NA ESCOLA

Daniela de Carvalho Cruz⁸¹

LER EM LIBRAS



Relato o Capítulo 4 de meu trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia em que demonstro o uso de recursos de vídeo e tecnologias envolvidas em filmagem associadas aos livros de história e ao letramento visual. Estava atuando como instrutora surda de Libras há quatro anos, desde 2011. Ajudei a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME Rio) a construir a prática pedagógica que nós surdos queremos. Explico que ajudei a

⁸¹ Daniela Cruz concluiu a faculdade de Pedagogia no DESU-INES em julho de 2015 com a defesa de sua Monografia em Libras sob o título “Tipos de vídeo e de leitores na Educação Bilíngue de Surdos”. O material em vídeo pode ser acessado no QR Code disponível no final desse relato sobre as práticas pedagógicas da autora. Graduada em Pedagogia pelo DESU-INES é instrutora e professora de Libras das Redes Municipal de Educação do Rio de Janeiro e, atualmente, de Niterói. Contato: dankestrelaemi-ma@gmail.com

SME Rio a construir a proposta de Educação Bilíngue porque sou uma das experiências bem-sucedidas acompanhadas por pesquisadores como Taveira (2014), Taveira e Martins (2012), Taveira, Martins e Belém (2011).

O meu recorte de pesquisa culminou na Monografia em Libras⁸² para a conclusão do curso de Pedagogia do DESU-INES e nele detalhei profundamente o que foi organizado, classificado em categorias de vídeo e explicado sobre o uso visual e da tecnologia na minha própria prática. Mostro a importância do letramento visual com o uso de tecnologia própria ao universo surdo e suas características tendo sido necessária a criação de sinais contextualizados⁸³ que constam de minha Monografia em Libras.

Foram alvo de registro em vídeo as oficinas realizadas com os alunos surdos e esses foram divididos em dois grupos: o primeiro de alunos de 1º e 2º anos e o segundo de alunos do 3º ao 6º ano do Ensino Fundamental. O objetivo geral desse trabalho foi registrar, detalhar e sistematizar a minha experiência como instrutora surda trabalhando na SME Rio, da 7ª CRE, no bairro da Freguesia (Jacarepaguá). Principalmente, no uso de recursos de vídeo e tecnologias – em foto, filmagem – juntamente aos livros de histórias impressas.

Nesse caminho eu compartilho da ideia de dois pesquisadores surdos, Perlin e Miranda (2003, p. 218):

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual, surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Perlin e Miranda destacam a tecnologia de leitura e isso foi um eixo importante para a minha pesquisa, de modo que a criança e os jovens surdos possam ser compreendidos e respeitados pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo. Algumas tecnologias combinam com os surdos.

⁸² Monografia em Libras sob o título “Tipos de vídeo e de leitores na Educação Bilíngue de Surdos”

(71min) disponível em QR CODE ao final desse ensaio sobre as minhas práticas pedagógicas.

⁸³ Detalhei as etapas principais do processo de execução de meus vídeos, os materiais usados e alguns resultados. E, ainda, criei os sinais contextualizados para os tipos de vídeos que também constam de minha Monografia em Libras de conclusão de Curso de Pedagogia no DESU-INES.

Além da habilidade de ler e escrever, o indivíduo precisa desenvolver a habilidade de utilizar a informação visual, buscando integrar os significados que esta informação fornece. O surdo possui uma experiência visual que pode ser aprimorada e organizada em seus sentidos e significados.

Nessa perspectiva, entendemos que o letramento visual é compreendido pelo uso de estratégias para interpretar e entender o que é visto, sistematizando esse saber e se apropriando de formas de leitura de imagens, criando um universo de significações (SANTAELLA, 2012; DONDIS, 2007).

Percebemos também os alunos surdos em situações de demonstração diante das câmeras de celulares em suas narrativas na escola quando há um incentivo dos adultos surdos e dos líderes jovens. Alunos surdos se interessam por interpretar discursivamente as situações do cotidiano.

Eu verifiquei que o surdo chega à escola sem uma base linguística e com poucas experiências em práticas sociais de leitura e escrita e esta é a nossa tarefa para dar sentido a expressão visual e verbal do surdo, principalmente, de criação das estratégias de ensino específicas nas escolas bilíngues mistas ou de inclusão e escolas bilíngues de surdos.

A sociedade tem hoje diversas formas de receber e transmitir informações e de buscar conhecimento e a escola cada dia mais vem sendo iluminada por essas tecnologias, desde os livros mais imagéticos, os jogos e até projetores de slides e computadores. Os usos desses recursos favorecem a aprendizagem dos alunos de forma geral, mas para os surdos eles são essenciais pois permitem o uso da visualidade.

Mostrarei as oficinas que desenvolvi junto com os materiais tecnológicos e o incentivo a contar histórias, pelos alunos surdos, em Libras, que fizeram a diferença no crescimento deles.

Fotografia para composição de figuras

Percebo ser a foto um recurso com uma imagem mais próxima da realidade do que o desenho que encontro pronto na internet ou em livros didáticos, sem referências próprias da cultura surda. As fotografias de alunos realizando sinalizações, são de percepção rápida e com menos interferências de interpretação – de significados – do que os desenhos estilizados. Por vezes preparo o material com antecedência, porém também produzo junto com o grupo, usando os alunos como atores.

Exemplos: placas informativas dos espaços (sinalizações de espaços), calendário.



Figura 1 - Placas informativas que nomeiam os espaços da escola com fotografias dos alunos sinalizando em Libras; uso de setas, de cores.





Figura 2 – Calendário com dias da semana com fotografias de sinais (em Libras) dos dias da semana e que são produzidos por mim na escola

O uso de placas informativas com a foto do sinal em Libras e o nome do espaço ou do ambiente sinalizado e também os calendários, faz com que a população ouvinte reconheça a presença da Libras na rotina diária, reforçando o *reconhecimento da* população surda como parte da comunidade escolar e da Libras como língua usada na escola.

Vídeo-aula, vídeo-enciclopédico

O vídeo-aula tem a função de resumir temas que os alunos terão nas aulas, mostrando os principais conceitos em Libras e destacando palavras-chave em Língua Portuguesa que auxiliem em trabalhar e fixar as informações. Esse material atende a uma falta de vivência da maioria dos alunos surdos quanto aos temas abordados.

Também há uma falta de materiais de vídeo em Libras, ou seja, que junte imagem e língua de sinais e portuguesa, pois a legendagem e a presença de um intérprete-tradutor surdo ou ouvinte bilíngue se faz necessária, além de imagens (fotografias, mapas) que deslizem após as explicações e complementem o texto.

O vídeo-enciclopédico segue basicamente a mesma ideia que é de apresentar o tema que posteriormente será destrinchado na discussão com o grupo com a minha intervenção de modelo linguístico surdo e da professora ouvinte bilíngue.

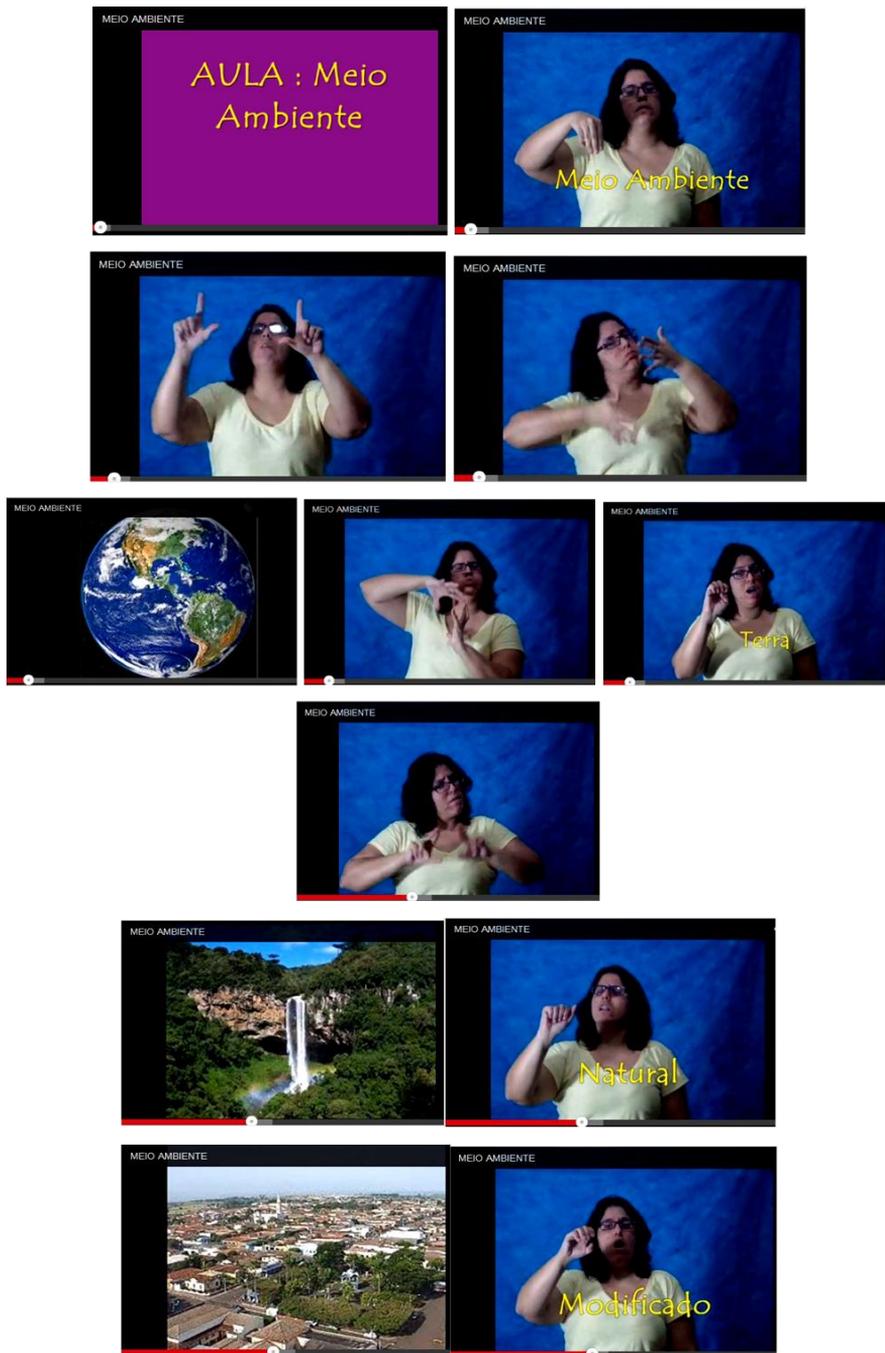


Figura 3 - Sequência de capturas de tela no tema "Meio ambiente"

Usamos complementos em aula, ou seja, recursos necessários a fim de que o tema fosse esclarecido aos grupos: sites da internet como o *Google Maps*, globo terrestre, atlas geográfico etc.

Para confeccionar as vídeo-aulas, vídeo-enciclopédico realizo pesquisas sobre o assunto em sites da internet e em livros didáticos. O programa usado para a edição dos vídeos é o *Movie Maker*⁸⁴. É um programa de fácil utilização.

Vídeo de divulgação mais vídeo de narração de histórias

Vídeo de divulgação porque focaliza o relato da experiência bem-sucedida e com características didáticas que auxiliem no entendimento de como o aluno surdo constrói o seu saber. Assim, esse material é muito importante em reuniões pedagógicas, Conselho de Classe e reuniões de pais para mostrar o trabalho de professores surdos. Esse tipo de vídeo sensibiliza os adultos na colaboração e aprendizado da Libras, além de tornar perceptível os obstáculos (negativos) e as experiências positivas de ser surdo.



Figura 4 - Vídeo sobre os diálogos do cotidiano entre alunos surdos relatando os seus obstáculos com familiares, escola.

⁸⁴ Outros programas de Edição de vídeo são

Vídeos de história e trabalho com letramento

O vídeo narrativo de conto e reconto de histórias é realizado com os alunos surdos. O grupo do 3º ao 6º ano selecionou, por exemplo, na Sala de Leitura, o livro “A menina das borboletas”, livro de imagens sem texto que conta do esforço de uma menina em cultivar uma flor e protegê-la durante o seu desenvolvimento. Primeiramente, conversamos sobre cada imagem, desde a capa do livro, deixando que cada um explorasse os detalhes percebidos e descrevesse a sua percepção da história.

Esses vídeos têm como objetivo também que os próprios alunos se vejam interpretando e conversem a respeito de sua interpretação ou narrativa em língua de sinais. Esse trabalho fortalece a autoestima dos alunos e o reconhecimento dos pais quanto ao desenvolvimento deles.



Figura 5 - Sequência de capturas de tela do vídeo “A menina das borboletas”

Explorei bastante o uso de classificadores em Libras a fim de que eles esmiuçassem os detalhes percebidos e tivessem subsídios para posterior escrita em Língua Portuguesa. Num segundo momento, a professora ouvinte revê com o grupo cada página formando um banco de palavras mediante a percepção dos alunos. Ao fim, redigimos de uma a duas frases para cada página.

O vídeo também recebeu uma parte introdutória explicando o trabalho realizado na colaboração entre professor surdo e professor ouvinte para que todos na escola e as famílias compreendessem a importância desse espaço

bilíngue de surdos. Serve de exemplo sobre a prática da leitura de imagem da história, do letramento em ambas línguas tanto para os adultos – professores, instrutores, pais –, quanto se torna divertimento também para os mais jovens – alunos, irmãos dos alunos – que acompanham a narrativa em Libras com legendagem.

O vídeo mostra a nossa preocupação em tornar clara a ideia de que narrar histórias em língua de sinais, não é só ter ou não ter texto escrito no livro, mas pensar que também a ausência da escrita poderá incentivar o registro da narrativa na primeira, em vídeo, e na segunda língua, em legenda.

Vídeo de histórias exclusivo para o divertimento

O grupo do 1º ao 3º ano em sua maioria apresentava pouca fluência em ambas as línguas, mas mediante os livros escolhidos, apresentaram excelentes respostas. O contato inicial com o livro foi uma grande brincadeira que deixamos que acontecesse livremente. Com muita alegria e naturalidade, eles copiavam os personagens segundo a sua própria percepção. Nessa parte, explorei e incentivei a criatividade do grupo e foram feitas várias fotografias.



Figura 6 - Experiência livre com livros para a percepção de cenas da história

O livro “Bruxa, bruxa, venha a minha festa” tem um texto curto com estilo cumulativo, onde a narradora faz sempre a mesma pergunta: “Você vem a minha festa?” As imagens são grandes e coloridas, bem detalhadas e ocupam toda a página

Surpreendemo-nos com a riqueza dos detalhes percebidos e com a fidelidade na capacidade de refazer as expressões faciais e corporais das personagens. Esse livro escolhido conta a história dos convidados de uma menina para

sua festa de aniversário através de um texto, como já foi dito. Através da avaliação das fotos, o grupo selecionou os personagens que representariam nas filmagens. Antes de iniciarmos a filmagens, treinamos e aprimoramos as dramatizações.



Figura 7 - Alunos surdos são fotografados incorporando os personagens da história

O que eu quero é que o vídeo tenha um formato dinâmico com a história narrada de forma completa pelos alunos surdos, entremeando as narrativas das crianças e, novamente, as imagens alternadas (as ilustrações) “deslizam na tela”. As imagens precisam deslizar na tela após as interpretações das falas dos personagens.

As páginas do livro foram digitalizadas e intercaladas com a filmagem da interpretação em Libras e legendadas em Língua Portuguesa. O resultado pode ser assistido ao final do relato sobre essa atividade, no material em vídeo – por QR Code.

A atividade foi muito rica em termos de desenvolvimento da criatividade e desenvoltura dos alunos no uso de classificadores em Libras, expressões faciais. E assim sucessivamente pode ser aproveitada a estratégia de produção de vídeos para outros livros.

Quando um aluno surdo descreve as imagens que vê, se percebe a fluência, paulatinamente, se ampliando, em Libras, no uso de classificadores e nas expressões faciais utilizadas para expor suas percepções e deixando evidenciado o papel que a língua e as linguagens – fílmica, cênica – exercem no processo de elaboração de conceitos, na criação e na argumentação de ideias. Quando isso é filmado e pode ser visto e explorado em diferentes momentos, é proporcionado o crescimento individual e do grupo que participa das atividades.

Concluimos que o uso de fotografia e vídeo na escola, das ferramentas digitais – da tecnologia de leitura, de fazer vídeo – traz recursos ainda pou-

co usados, mas de muita valia para o aluno surdo. Esse aluno percebe o mundo através da visão, da experiência visual e, principalmente, do corpo como um todo, um corpo produtor de língua.

REFERÊNCIAS

CAMPELLO, A. R. e S. *Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Doutorado de Educação, 2008, pp 166

CRUZ, D. de C. *Tipos de vídeo e de leitores na Educação Bilíngue de Surdos*. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia - Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2015, 1 DVD (71 min)

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 05, 2003, p. 217-226.

SANTAELLA, L. *Leitura de imagens*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

TAVEIRA, C. C.; MARTINS, M. A. L.; BELÉM, L. J. M. Identidade Surda: Questões levantadas pelos profissionais surdos da rede municipal de educação do Rio de Janeiro. VI Seminário Nacional de Pesquisa em Educação Especial: *Prática Pedagógica na Educação Especial*: multiplicidade do atendimento educacional especializado, Londrina, 2011, p. 1997-2008.

TAVEIRA, C. C.; MARTINS, M. A. L. O que combina com o surdo? Questões levantadas pelos profissionais surdos da rede municipal de educação do Rio de Janeiro. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Surdez e inclusão: as diferentes práticas de ensino, 2012, Campinas. *Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula*. CD-ROM. Araraquara: Junqueira & Marin. v. 1, 2012, p. 1235-1246.

TAVEIRA, C. *Por uma Didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro*. 2014, 365 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

